

Impactos das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

2

Francisca Júlia Camargo Dresch
(Organizadora)



 **Atena**
Editora

Ano 2018

Francisca Júlia Camargo Dresch
(Organizadora)

Impactos das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 2

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

I34 Impactos das tecnologias nas ciências humanas e sociais aplicadas
2 [recurso eletrônico] / Organizadora Francisca Júlia Camargo
Dresch. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. – (Impactos
das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas; v.2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-85107-75-8

DOI 10.22533/at.ed.758180511

1. Ciências sociais aplicadas. 2. Humanidades. 3. Tecnologia.
I. Dresch, Francisca Júlia Camargo. II. Título.

CDD 370.1

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Me coube a apresentação deste exemplar cuja tarefa é a de estabelecer uma linha de raciocínio dos textos que aqui constituem os 25 capítulos desta obra. Após a leitura cuidadosa dos artigos submetidos, procurei conexões entre os contextos e as dimensões que poderiam sequenciar as discussões – trouxe a reflexão Sociológica que definem a vida humana na Terra através da produção de bens e serviços, refletidas na organização social, econômica, política, histórica, educacional, ambiental, cultural expressas pelas relações biopsicossociais do humano em seus ambientes.

Deste modo, poderíamos interrogar se nascemos ou nos tornamos humanos? A pergunta nos remete primeiramente a reflexão filosófica – em que momento inicia a vida sabendo que dependerá da abordagem selecionada, não há uma definição única que seja capaz de defini-la assertivamente. Podemos tentar explicar pela Religião, pelo Direito, e/ou pelas Correntes Filosóficas. Então, simplificamos vida é o oposto da morte, resulta do movimento contraditório que repousa na certeza de que vivendo estamos nos aproximando da morte. E para as ciências sociais, nascemos biologicamente humanos e nos tornamos humanos ao viver em sociedades e, nelas aprendemos agir moral e eticamente.

O desenvolvimento tecnológico atual nos situa na Era da Informática e das Comunicações. Tais características têm possibilitado registros inovadores na história humana. Nos interessa pontuar que o paradigma Neoliberal empregado para o permanente crescimento econômico que estabelece os padrões de consumo é o mesmo identificado no esgotamento dos recursos naturais, especialmente ao refletir o distanciamento entre *“os que acumulam, dos que nada possuem”*. Ora se o Planeta dá sinais de esgotamento e se as relações sociais apontam para a exploração sem precedentes, nos parece lógico também pensar na responsabilidade social como alternativa de sustentabilidade entre o educar para produzir e o papel das tecnologias para desenvolver a cidadania.

Portanto a obra Impactos das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 2, defende que a vida é patrimônio a ser preservado. Reúne debates acerca de pesquisas empregadas nas organizações produtivas a partir das políticas que permeiam processos de ensino e aprendizagem das instituições sociais. A cada autor, nossos agradecimentos a submissão de seus estudos na Editora Atena. Aos leitores, desejo proveitosa reflexão na trajetória apresentada

Francisca Júlia Camargo Dresch

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
VANTAGEM COMPETITIVA EMPRESARIAL PELO USO DE SACOS DE PÃES ECOLÓGICOS POR PANIFICADORAS DE QUIXADÁ – CE.	
José Cazuza Lopes Neto Valter de Souza Pinho Marcos James Chaves Bessa Sérgio Horta Mattos Danielle Rabelo Costa	
CAPÍTULO 2	10
A GOVERNANÇA AMBIENTAL E AS COMPRAS PÚBLICAS SUSTENTÁVEIS NA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA FEDERAL	
Anaítes Maria de Moraes Silva Jaíra Maria Alcobaça Gomes	
CAPÍTULO 3	28
A GESTÃO DE COMUNICAÇÃO <i>OMNICHANNEL</i> À PARTIR DOS EFEITOS DA TECNOLOGIA NUMA SOCIEDADE PLURAL, INOVADORA E PARTICIPATIVA.	
Ligia Fagundes	
CAPÍTULO 4	42
ANÁLISE DA PAISAGEM RURAL DO MUNICÍPIO DE MARIALVA – PR: A EMPRESA BSBIOS COMO AGENTE INDUTOR DA PAISAGEM	
Isadora Pinheiro Lucas César Frediani Sant’ana	
CAPÍTULO 5	57
CONSÓRCIO PÚBLICO INTERMUNICIPAL: UMA ALTERNATIVA VIÁVEL PARA A GESTÃO E O GERENCIAMENTO DE RESÍDUOS SÓLIDOS EM PEQUENOS MUNICÍPIOS	
Tassiana Justino Fernandes Maria das Graças de Lima	
CAPÍTULO 6	72
A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA IDENTIDADE DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO, SOB O OLHAR DOS ACADÊMICOS EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO PRIVADAS.	
Eudes Cristiano Vargas Larissa Siqueira Camargo Sandra de Cássia Franchini Leticia Grazielle Roque Adriano Pereira Cardoso Dênis Martins de Oliveira	
CAPÍTULO 7	87
A EXPANSÃO DOS CURSOS PRIVADOS PRESENCIAIS DE SERVIÇO SOCIAL EM SALVADOR-BA: IMPACTOS PARA DISCENTES E DOCENTES	
Adriana Freire Pereira Férriz, Taís Ana de Oliveira, Thainan de Albuquerque e Santos,	

CAPÍTULO 8	103
A COLETIVIDADE DOCENTE NA ELABORAÇÃO DE UM PROJETO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL	
Paulo Vitor Teodoro de Souza Hélder Eterno da Silveira Iara Maria Mora Longhini	
CAPÍTULO 9	116
O CONTEXTO VIOLENTO DO ESTADO CAPITALISTA E O BULLYING	
Giovanna Back	
CAPÍTULO 10	129
O USO DOS PRINCÍPIOS DO DESIGN DE INTERIORES NA HUMANIZAÇÃO DA CASA DE APOIO	
Rubia Maiara Silva Marcon Larissa Siqueira Camargo	
CAPÍTULO 11	141
TEORIAS DE APRENDIZAGEM DE SEGUNDA LÍNGUA: UMA ANÁLISE CRÍTICA	
Laysa Cristina de Oliveira	
CAPÍTULO 12	153
USO DO KAHOOT COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM	
Ernane Rosa Martins Wendell Bento Geraldes Ulisses Rodrigues Afonseca Luís Manuel Borges Gouveia	
CAPÍTULO 13	160
O USO DAS REDES SOCIAIS NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO	
Juliana Santos Alves Paulo Sergio Machado Leila Maria Araújo Santos	
CAPÍTULO 14	168
TECNOLOGIAS MÓVEIS EM CONTEXTO EDUCATIVO	
Ernane Rosa Martins Wendell Bento Geraldes Ulisses Rodrigues Afonseca Luís Manuel Borges Gouveia	
CAPÍTULO 15	178
EVOLUÇÃO DOS ACIDENTES DE TRÂNSITO COM VÍTIMAS FATAIS EM ADULTOS JOVENS NO NOROESTE PARANAENSE	
Willian Augusto de Melo Maria Antonia Ramos Costa Neide Derenzo Verusca Soares de Souza Maria Dalva de Barros Carvalho	

CAPÍTULO 16	188
BIPOLARIDADE ESTADISTA-IDEOLÓGICA: ELIZABETH I E PONTIFICADO	
Giovana Eloá Mantovani Mulza	
CAPÍTULO 17	195
CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE A CONVENÇÃO JACOBINA NA REVOLUÇÃO FRANCESA	
William Geovane Carlos	
CAPÍTULO 18	205
ANÁLISE DE TENDÊNCIAS DO CONSUMO MEDIADO POR DISPOSITIVOS DIGITAIS NO MARKETING DE RELACIONAMENTO	
Guaracy Carlos da Silveira Fernando Augusto Carvalho Dineli da Cost	
CAPÍTULO 19	218
<i>CHILD OF THE DARK</i> : A PRESENÇA DA MULHER NEGRA NAS LITERATURAS TRADUZIDAS	
Tayza Cristina Nogueira Rossini Letícia Toniete Izeppa Bisconcim Wellington Júnior Jorge	
CAPÍTULO 20	229
INTERAÇÃO UNIVERSIDADE-EMPRESA NO BRASIL: MOTIVADORES E OBSTÁCULOS - UM ESTUDO MULTICASOS	
Vivien Mariane Massaneiro Kaniak	
CAPÍTULO 21	240
ANÁLISE DE ATIVIDADES LOGÍSTICAS: ESTUDO DE CASO EM UMA EMPRESA DO SETOR ALIMENTÍCIO DO NOROESTE PARANAENSE	
Renan Araújo de Azevedo Daniel Mantovani Aline Takaoka Alves Baptista Leandro Ferreira Pinto Amauri Henrique de Carvalho Júnior	
CAPÍTULO 22	252
O PROGRAMA DE EXCELENCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA E A SISTEMÁTICA DA GESTÃO DO CONHECIMENTO ESTRATÉGICO NAS ORGANIZAÇÕES ESCOLARES DE EDUCAÇÃO INFANTIL NA CIDADE DE SARANDI – PR	
Tânia Corredato Periotto Fabiana Azevedo Picanço Tamires Selini Gouveia	
CAPÍTULO 23	259
ESTUDOS DA LITERATURA SOB A VERTENTE DO LETRAMENTO: A LENDA DE RUFF GHANOR E O UNIVERSO MULTIMODAL	
Letícia Toniete Izeppa Bisconcim Tayza Cristina Nogueira Rossini Wellington Júnior Jorge	

CAPÍTULO 24271

ESPORTE, MÍDIA CONTEMPORÂNEA E (IN)VISIBILIDADE SOCIAL: ATUAÇÃO PROFISSIONAL COM AUXÍLIO DAS REDES SOCIAIS

Bruno Bember Lofiego
Afonso Antônio Machado

CAPÍTULO 25282

A CULINÁRIA UCRANIANA NA CIDADE DE PRUDENTÓPOLIS, PARANÁ: ASPECTOS DA IMIGRAÇÃO E A INFLUÊNCIA CULTURAL DAS COMIDAS TÍPICAS

Renan Valério Eduvirgem

SOBRE A ORGANIZADORA.....291

O USO DOS PRINCÍPIOS DO DESIGN DE INTERIORES NA HUMANIZAÇÃO DA CASA DE APOIO

Rubia Maiara Silva Marcon

Universidade Estadual de Maringá, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Maringá – Paraná

Larissa Siqueira Camargo

UniCesumar e Universidade Anhembi Morumbi, Programa de Pós-Graduação em Design

Maringá – Paraná

São Paulo – São Paulo

RESUMO: O Design de Interiores tem o propósito de melhorar a qualidade de vida de quem ocupa o ambiente e por isto seu projeto deve alinhar necessidades técnicas, funcionais e estéticas ao bem estar, à segurança e ao conforto. Diante disso, o estudo objetivou buscar na literatura estratégias e princípios do Design de Interiores que possam ser utilizados para proporcionar aos hóspedes de uma Casa de Apoio um ambiente acolhedor durante o período de sua permanência. Tratou-se de uma pesquisa bibliográfica descritiva com a finalidade de identificar o conhecimento produzido na área de Design de Interiores aliado à Psicologia Ambiental para melhorar a qualidade de vida de quem ocupa o espaço. Os dados foram coletados da base de dados do Google Acadêmico, utilizando as palavras-chave: Psicologia Ambiental; Design de Interiores; Humanização de Ambientes e Ambientação

de Interiores. Os dados foram comparados e analisados para identificar soluções de Design de Interiores capazes de humanizar os ambientes. Foram destacados elementos, atributos, fatores e necessidades ambientais que são estratégias e princípios do Design de Interiores que possibilitam a apropriação e humanização do espaço. Os resultados obtidos apontaram que a Humanização de Ambientes de uma Casa de Apoio é fundamental para a manutenção da qualidade de vida dos usuários destas instituições, e acredita-se, que a Psicologia Ambiental, por objetivar a melhoria da qualidade de vida do usuário, pode propiciar o desenvolvimento de projetos centrados nos usuários, resultando em ambientes cada vez mais qualificados e humanizados.

PALAVRAS-CHAVE: Casa de Apoio; Design de Interiores; Humanização de Ambientes; Psicologia Ambiental.

ABSTRACT: The Interior Design have the purpose of improving the life quality of those who occupy the environment and there for e their project must align technical, functional and aesthetic needs to well-being, safety and comfort. On this, the stud aimed to search in the literature Interior Design strategies and principles that can be used to provides the Support House guests with a warm environment during the period of their stay. It was a descriptive bibliographical

research with the purpose of identifying the knowledge produced in the area of Interior Design associated with Environmental Psychology to improve the quality of life of those who occupy the space. The data were collected from the Google Scholar database, using the following Keywords: Environmental Psychology; Interior Design; Humanization of Environments and Interior Settings. The data were compared and analyzed to identify Interior Design solutions capable of humanizing environments. Elements, attributes, factors and environmental needs were highlighted that are strategies and principles of Interior Design that allow the appropriation and humanization of space. The results obtained indicated that the Humanization of Environments of a Support House is fundamental for the maintenance of the life quality of these institutions users, and it is believed that Environmental Psychology, by objectifying the improvement the life quality of the user, can to foster the development of user-centered projects, resulting in increasingly qualified and humanized environments.

KEYWORDS: Support House; Interior Design; Humanization of Environments; Environmental Psychology.

1 | INTRODUÇÃO

A Casa de Apoio deve ser entendida como um local de habitação temporária que tem por objetivo auxiliar o hóspede durante a sua estadia, acolhendo-o e amparando-o no que diz respeito às suas necessidades básicas. Sem fins lucrativos, ela realiza serviços de cunho social e disponibiliza suas acomodações aos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS).

No Brasil, as primeiras casas de apoio surgiram na década de 1980 para atender portadores do HIV e pacientes de Aids, sendo um espaço de acolhimento para doentes sem recursos financeiros e que não podiam contar com apoio familiar. A partir desta demanda inicial surgiram outras tipologias de casas de apoio para atender diversos públicos (ANDRADE, MARTINS e BÓRGUS, 2007).

A tipologia de Casa de Apoio para o familiar que está acompanhando um paciente internado em hospital é muito importante, pois embora este acompanhante seja fundamental para a recuperação do paciente, o ambiente hospitalar é desgastante e não oferece estrutura física de modo a permitir que este realize atividades relacionadas com suas necessidades básicas, como alimentação, higiene e descanso adequado.

Neste contexto, questionou-se: Como a Casa de Apoio pode propiciar uma melhoria da qualidade de vida dos familiares e/ou acompanhantes dos pacientes? Como ela pode oferecer melhores condições de repouso e convivência?

Sendo assim, é importante compreender alguns fatores de Design de Interiores que podem ser aplicados no ambiente para influir positivamente sobre o usuário. Além de conhecer a Psicologia Ambiental, área multidisciplinar que estuda a influência do ambiente no comportamento humano.

Deste modo, o presente artigo teve por finalidade buscar na literatura estratégias

e princípios do Design de Interiores que possam ser utilizados para proporcionar aos hóspedes de uma Casa de Apoio um ambiente acolhedor durante o período de sua permanência.

2 | MATERIAIS E MÉTODOS

Desenvolveu-se uma pesquisa bibliográfica descritiva com a finalidade de identificar o conhecimento produzido em Design de Interiores com enfoque em Psicologia Ambiental, cujo emprego pode favorecer a melhoria da qualidade de vida de quem ocupa o espaço.

Os dados foram coletados no período de maio a agosto de 2015, por meio de consulta à base de dados do Google Acadêmico, utilizando, entre outras, as palavras-chave: Psicologia Ambiental; Design de Interiores; Humanização de Ambientes e Ambientação de Interiores.

As informações encontradas em livros, dissertações e artigos foram comparadas e analisadas de modo a identificar as estratégias e princípios do Design de Interiores capazes de humanizar ambientes de uma Casa de Apoio para melhor atender os usuários deste espaço.

3 | REVISÃO DE LITERATURA

Foram encontrados três estudos cujo enfoque era a humanização de ambientes, dois estudos voltados ao Design de Interiores, seu projeto e aplicação, um estudo sobre a correlação entre a psicologia e o ambiente construído e um sobre Casas de Apoio.

Para Gubert (2011), o Design de Interiores é considerado uma profissão em que soluções criativas, técnicas, funcionais e estéticas são aplicadas ao ambiente interior já construído com o propósito de melhorar a qualidade de vida dos ocupantes, proporcionando-lhes bem estar, segurança e conforto.

De acordo com o Dicionário Priberam, humanizar significa tornar humano, sociável, agradável ou suportável. Segundo Marques e Souza (2010), “o conceito de humanização pode ser traduzido como uma busca incessante do conforto físico, psíquico e espiritual”, tendo, para Horevicz e Cunto (2007), seu valor revelado à medida que resgata o respeito à vida humana.

Para humanizar é preciso estar ciente de que “a pessoa que utiliza o espaço é a peça fundamental na definição de como deve ser o ambiente”. Conhecendo as necessidades e expectativas do usuário, será possível proporcionar-lhe um ambiente capaz de supri-las e superá-las, tornando-o assim, mais próximo de seus sentimentos, pensamentos e valores pessoais (VASCONCELOS, 2004).

Pequenas mudanças podem alterar completamente o temperamento do

ambiente, sendo possível modificar a atmosfera e as sensações produzidas por um espaço através de detalhes, proporcionando novas experiências aos seus ocupantes (NASCIMENTO, 2014). Desse modo, segundo Vasconcelos (2004),

a humanização de ambientes consiste na qualificação do espaço construído a fim de promover ao seu usuário conforto físico e psicológico, para a realização de suas atividades, por meio de atributos ambientais que provocam a sensação de bem-estar.

Tendo em vista a melhora da qualidade de vida dos familiares e/ou acompanhantes dos pacientes internados em hospital, possibilitando que estes possam repor suas energias em um ambiente acolhedor, faz-se necessária uma análise sobre a interferência que o ambiente proporciona no estado psicológico das pessoas. Para que ele contribua de forma favorável ao bem estar de quem o ocupa, a escolha de materiais, formas, cores, texturas, tipo de iluminação, dentre outras, deve ser planejada, buscando a harmonia do conjunto.

3.1 Psicologia ambiental

Na interface entre comportamento humano e ambiente temos a Psicologia e a Arquitetura, duas das áreas mais próximas ao estudo da relação pessoa-ambiente. A psicologia tem ampliado sua área de atuação e redefinido seu objeto de estudo para abarcar as interações entre comportamento e ambiente. Já na arquitetura há um maior cuidado com a percepção e satisfação dos usuários, tirando a ênfase dos aspectos estéticos, construtivos e funcionais (ELALI, 1997).

Assim, ganha espaço a Psicologia Ambiental, voltada à interface entre ambiente e comportamento humano, e que pode ser entendida como um “*locus* onde a soma entre o conhecimento psicológico e o arquitetônico pode alimentar a produção de um ambiente mais humanizado” (ELALI, 1997). Nesse sentido, para a autora, o edifício, cujo principal objetivo é o de garantir a qualidade de vida da população, passa a ser encarado enquanto espaço vivencial, sujeito à ocupação, (re)interpretação e/ou modificação pelos usuários, e não apenas por suas características físicas.

A Psicologia Ambiental estuda a pessoa em seu contexto, tendo como tema central as inter-relações entre a pessoa e o meio ambiente físico e social. Essa inter-relação é dinâmica porque os indivíduos agem sobre o ambiente e este modifica e influencia as condutas humanas (MOSER, 1998).

Portanto, ela tem por especificidade analisar como o indivíduo avalia e percebe o ambiente concomitantemente à como ele está sendo influenciado por esse mesmo ambiente. Sabe-se que determinadas especificidades ambientais tornam possíveis algumas condutas, ao passo em que inviabilizam outras. Por exemplo, nos comportamos diferentemente dependendo do espaço em que estamos, pois a avaliação e percepção que temos do espaço influenciam na nossa maneira de atuar, o que quer dizer que interagimos diferentemente dependendo do local (MOSER, 1998).

Já para Vasconcelos (2004), o uso de cores adequadas, nas paredes ou na

decoração, o controle da iluminação natural e/ou artificial, a condição de orientabilidade e a personalização dos espaços, são exemplos que fazem com que o ambiente adquira um valor mais humano, aproximando-o da vida do usuário e afastando-o do caráter unicamente institucional da Casa de Apoio. Neste sentido, o projeto deve priorizar os efeitos que os atributos do ambiente irão causar nos usuários, procurando sempre evocar respostas positivas do corpo humano e, assim, evitar o estresse.

Com relação à cor, que define a identidade dos espaços, das pessoas e dos objetos, o processo de escolha exige equilíbrio e harmonia. Mas esta escolha está além de questões estéticas, pois estudos nos revelam a influência da cor na vida das pessoas, servindo para estabelecer o equilíbrio e a harmonia do corpo, da mente e das emoções (BECK et al, 2007).

O uso das cores pode contribuir de forma benéfica na vida das pessoas, uma vez que sugerem diferentes significados, de acordo com a maneira como forem utilizadas, atuando sobre a nossa emotividade e produzindo diferentes sensações, uma vez que os indivíduos reagem fisicamente perante a cor, de forma direta e espontânea (LUFT, 2011). A cor pode modificar totalmente um ambiente, tendo como função: influenciar o estado de espírito, criar diferentes atmosferas, alterar visualmente as proporções de um ambiente, aquece-lo ou esfria-lo, valorizar e criar centros de interesse (GURGEL, 2002). Além da escolha adequada da cor, também é importante: a quantidade de cada cor, a textura das superfícies de aplicação, a iluminação, bem como a função e objetivos do ambiente (GURGEL, 2007). Tendo esses fatores em concordância, pode-se dizer que o esquema de cores foi bem escolhido (LUFT, 2011).

No que diz respeito à iluminação, já é comprovado o poder da luz em afetar o comportamento natural das pessoas, tanto de forma objetiva como subjetiva. Cada indivíduo possui uma percepção única da luz, que dependendo de suas características e forma de distribuição, permitirá interpretações diferenciadas de um mesmo espaço. “Este aspecto subjetivo provoca alterações comportamentais e de humor que determinarão avaliações sobre o espaço físico e a qualidade dos ambientes construídos.” (NASCIMENTO, 2014).

Entende-se, portanto, que a distribuição da iluminação estimula a percepção visual em diferentes aspectos através, por exemplo, de variações de iluminância, contraste, ofuscamento, sombras e ângulos de visão. Assim, as sensações visuais agem no indivíduo e influenciam nos comportamentos individuais e de grupo desenvolvidos nos ambientes construídos (NASCIMENTO, 2014).

Em se falando de orientabilidade e personalização do espaço vê-se que elas coexistem, pois a primeira esta relacionada à identificação que o usuário apresenta perante o ambiente e esta é um meio para se chegar a ela. Assim sendo, pode-se chegar a elas através do uso de objetos com valor simbólico e sentimental, portanto, devem-se prever locais onde se possam expor objetos pessoais, como criado-mudo ou prateleiras; dispor obras de arte ornamentando o ambiente; buscar uma identidade visual apropriada ao perfil dos usuários; preferenciar uma ambiência de residência

e criar espaços alternativos, como os recreativos ou terapêuticos. Mais exemplos desses dois elementos de humanização do espaço podem ser vistos na seção sobre Necessidade de Apropriação, que pode ser vista mais adiante (CAVALCANTI, AZEVEDO e BINS ELY, 2009-a).

3.2 Elementos e princípios

Expõe-se a seguir algumas particularidades que podem ser adotadas em um projeto de interiores para tornar o ambiente mais aconchegante, acolhedor e relaxante.

De acordo com Gurgel (2002) no que diz respeito aos **elementos do design**, podemos ter no ambiente, linhas retas e curvas, que transmitem graus de seriedade distintos. Segundo Gubert (2011), podem, dependendo da forma com que serão empregadas no ambiente podem significar movimento, direção, comprimento, continuidade, caráter visual, dentre outros. O modo e o tipo de linhas presentes em um projeto lhe proporcionarão diferentes características.

Em geral a linha reta é relaxante e informal e subdivide-se em três. A linha horizontal representa estabilidade e repouso, é relaxante e informal, ao contrário da linha vertical, que é imponente, rígida e transmite altivez, frescura e formalidade ao espaço. Ambas, dependendo da direção em que são empregadas, podem aumentar a largura, o comprimento ou a altura dos ambientes. A linha diagonal, por sua vez, apresenta movimento, é ativa e dinâmica, mas pode ser inquietante e dar ao hóspede a sensação de desequilíbrio (GUBERT, 2011).

A linha reta é mais direta e masculina, já a linha curva traz movimentos suaves e feminilidade ao ambiente, além de proporcionar relaxamento. Elas aparecem com facilidade no ambiente, tanto em elementos estruturais como em elementos compositivos, como mobiliários e adornos (GURGEL, 2002).

Já em relação aos **princípios do design**, Gurgel (2002) diz que o equilíbrio assimétrico é mais informal, dinâmico e espontâneo que o equilíbrio simétrico, pois é totalmente livre e flexível e “deve ser usado quando se deseja amplitude à informalidade”. Já o desequilíbrio não deve ser utilizado, pois proporciona uma sensação de instabilidade, além de não ser repousante e causar intranquilidade a quem ocupa o espaço.

3.3 Atributos de humanização

As pessoas têm necessidades diferenciadas em relação ao espaço. Algumas podem demandar maior privacidade, enquanto outras podem desejar desenvolver atividades coletivas. Por meio da variabilidade da organização e arranjos ambientais, podem-se criar diferentes oportunidades de uso dos ambientes, favorecendo seu ajuste às necessidades dos usuários. A variabilidade da organização e dos arranjos espaciais consiste, portanto, em dar escolhas ao usuário, permitindo a ele melhor expressar suas necessidades.

Entre os estudiosos do assunto há uma grande concordância no que se refere aos fatores que causam reações fisiológicas favoráveis no corpo humano. Tais fatores são os responsáveis pela atenuação do estresse e promoção do bem estar aos usuários, sendo considerados como atributos de humanização do ambiente. São eles: controle do ambiente; suporte social e distrações positivas (VASCONCELOS, 2004; HOREVICZ e CUNTO, 2007).

3.3.1 Controle do Ambiente

O controle sobre as características do ambiente e a livre escolha sobre sua apropriação, são capazes de refletir positivamente no bem estar do usuário, conferindo-lhe autonomia. Todavia situações ou condições incontroláveis são aversivas e estressantes, portanto, algumas soluções de design de interiores podem ser listadas para possibilitar ao usuário da Casa de Apoio a sensação de controle do ambiente, como (VASCONCELOS, 2004; CAVALCANTI, AZEVEDO e BINS ELY, 2009-b; SOETHE e LEITE, 2015):

- Promover ambientes de apoio que permitam ao indivíduo estar só ou estar com outros de forma resguardada;
- Oferecer privacidade visual, acústica e olfativa;
- Oferecer equipamento individualizado de áudio e mídia, permitindo ao usuário decidir como, quando e o que deseja assistir ou ouvir;
- Permitir o controle dos comandos da televisão, temperatura e iluminação do quarto;
- Localizar tomadas, interruptores e controles próximos à cama;
- Prever armários ou guarda-volumes com fechadura para armazenagem de objetos pessoais;
- Dispor um suporte horizontal (mesa ou bancada) para a realização de refeições, atividades manuais, jogos de mesa e/ou tabuleiro, apoio para computador e livros, dentre outros;
- Criar ambientes onde possam dedicar-se a atividades de seu interesse;
- Elaborar um ambiente com cores e materiais variados que diminuam a monotonia e o caráter institucional.

3.3.2 Suporte Social

O contato frequente ou prolongado com pessoas ou mesmo a inserção em um sistema que proporciona suporte social, traz benefícios para o estado físico e emocional do hóspede. Assim sendo, algumas sugestões de estratégias de design de interiores para promoção do suporte social nestes ambientes incluem (VASCONCELOS, 2004; CAVALCANTI, AZEVEDO e BINS ELY, 2009-b):

- Acomodações confortáveis;

- Áreas de espera com assentos móveis que permitam reuniões em grupo;
- Locais de encontro que estimulem a interação social;
- Ambientes menores, com mobília confortável e arranjos flexíveis;
- Evitar cadeiras lado a lado, encostadas às paredes e/ou fixadas ao chão;
- Disponibilizar facilidades de apoio, como biblioteca ou carrinhos móveis com livros; restaurante, café, copa ou móvel onde se possa preparar um lanche; brinquedoteca, entre outros.

O ambiente é favorável à interação entre as pessoas quando confortável, aconchegante e com mobiliário flexível. Um bom projeto pode promover o suporte social ao apresentar espaços específicos para este fim, como ambientes para reuniões e formação de grupos e espaços para lazer e para oração (SOETHE e LEITE, 2015).

3.3.3 *Distrações Positivas*

Já o que proporciona o terceiro atributo é um ambiente formado por elementos que provoquem sentimentos favoráveis no familiar e/ou acompanhante, sendo, além de componentes estéticos, parte integrante dos ambientes, prendendo a atenção e despertando o interesse dos usuários, como (VASCONCELOS, 2004; CAVALCANTI, AZEVEDO e BINS ELY, 2009-b; SOETHE e LEITE, 2015):

- Promover espaço para a realização de terapia ocupacional, atendimento psicológico, atividades de educação em saúde, atividades físicas e trabalho;
- Propiciar o uso de televisão e computador; a realização de leitura e de jogos de mesa e/ou tabuleiro;
- Propiciar a permeabilidade visual para a natureza e jardins;
- Usar elementos como água e fogo, incluindo fontes, lareiras e aquários;
- Propor projeto luminotécnico adequado, bem como o uso pertinente das cores;
- Inserir arte e mobiliário interativo;
- Inserir elementos naturais além da vegetação, pois estimulam o usuário e causam sentimentos positivos.

Para dosar os estímulos através dos elementos que compõem o ambiente deve-se conhecer a população à qual ele se destina e as atividades que serão nele realizadas (SOETHE e LEITE, 2015).

3.4 Fatores ambientais

Além dos atributos de humanização do ambiente, o bem estar físico e emocional do homem também pode ser influenciado por seis fatores ambientais que possuem grande impacto no psicológico e no físico dos indivíduos: luz; cor; som; aroma; textura e forma (SOETHE e LEITE, 2015).

3.4.1 Luz

A luz influencia positivamente no humor e na disposição do usuário, sendo importante proporcionar-lhe a possibilidade de controlar a iluminação do ambiente de acordo com suas necessidades, além de possibilitar estímulo visual, clima para reflexão, atmosfera intimista e destaque de objetos. Deve-se fazer uso de luz em tom amarelado, proporcionando a sensação de aconchego e relaxamento (SOETHE e LEITE, 2015).

3.4.2 Cor

As cores, por sua vez, influenciam o psicológico e o emocional humano, além de provocar estímulos sensoriais. Para Gurgel (2002), cores quentes são estimulantes e parecem dar uma sensação de proximidade e calor. Já as cores frias são calmantes e parecem distantes e frias. Vasconcelos (2004) diz que estas podem ser aplicadas ao ambiente com a intenção de destacar algum objeto ou elemento construtivo, tornar o ambiente mais aconchegante e agradável, ou criar variadas atmosferas, além de afetarem a percepção dos objetos e espaços e influenciarem no conforto térmico do ambiente.

3.4.3 Som

No que se refere ao ruído, Horevicz e Cunto (2007) destacam que um barulho estressante causa irritação, frustração e agrava o mau humor, além de afetar a percepção visual e diminuir a capacidade de aprendizado. Revestimentos e móveis que não refletem ou amplificam as ondas sonoras são capazes de melhorar a acústica dos ambientes, assim como carpetes, tecidos, madeiras, painéis acústicos e superfícies irregulares, que dispersam o som (VASCONCELOS, 2004). Para promover um efeito calmante e relaxante, recomendam-se um circuito de música ambiente e fazer uso de sons naturais, principalmente os causados pela água e vegetação em movimento (SOETHE e LEITE, 2015).

3.4.4 Aroma

Cheiros agradáveis reduzem o estresse, portanto, uma solução favorável para os ambientes da Casa de Apoio pode ser o uso de saches, arranjos florais e/ou vegetação, proporcionando fragrâncias agradáveis, além de purificar o ar interno ao absorver toxinas.

3.4.5 Textura

A qualidade tátil do espaço pode proporcionar conforto ao ser enriquecida devido ao uso de tratamentos diferenciados para as superfícies, por meio da variedade de

tecidos e acabamentos e da versatilidade dos móveis (VASCONCELOS, 2004). Outra opção é proporcionar o contato do usuário com a flora, devido à riqueza de texturas que esta apresenta.

3.4.6 Forma

Já o uso de variadas formas em um mesmo espaço, provoca estimulação sensorial e cria distração positiva no familiar e/ou acompanhante. As formas podem ser destacadas por meio das cores e/ou da iluminação, podem ser educativas ou recreativas, ou ainda, podem despertar a atenção através da força das formas puras.

3.5 Necessidade de apropriação

A seguir são categorizadas algumas necessidades humanas que se relacionam à apropriação dos espaços.

3.5.1 Identificação

Esta relacionada à necessidade de orientar-se em um ambiente e perceber-se centrado, conectado e acolhido. Também se relaciona com a imagem do ambiente e a forma como esta corresponde aos anseios e à identidade do indivíduo. O usuário tende a ter expectativas relacionadas à imagem dos ambientes que vivencia em seu cotidiano ou que já vivenciou em algum momento;

3.5.2 Possessão

Refere-se à necessidade de expressar-se territorialmente mediante zelo, cuidado, apego ou demarcação de um ambiente, refletindo significância para o usuário. Reservar uma poltrona em um quarto coletivo, colocando sobre ela uma bolsa ou um cobertor, constitui um exemplo de demarcação. A possessão também pode se manifestar através da personalização do ambiente por meio de objetos de valor simbólico, como porta retratos ou imagens religiosas;

3.5.3 Ação

Corresponde à movimentação e uso do local. A apropriação enquanto vivência de um local, pode se dar tanto para as funções previstas para o ambiente, quanto para atividades outras, desde que o espaço dê suporte para sua ocorrência, potencializando uma maior variedade de usos (CAVALCANTI, AZEVEDO e BINS ELY, 2009-a).

Assim, as pessoas afetam e são afetadas por cada local, interagindo e se apropriando de ambientes. No entanto, o espaço pode potencializar uma maior ou menor apropriação dependendo de suas características. Quando se adéquam ao indivíduo, favorecendo seu uso e permitindo sua expressão, os ambientes são mais

fácil e positivamente apropriáveis (CAVALCANTI, AZEVEDO e BINS ELY, 2009-a).

Esses elementos, atributos, fatores e necessidades ambientais são estratégias e princípios do Design de Interiores que habilitam o homem a apropriar-se do espaço, humanizando-o e modificando-o para dotá-lo de sua própria maneira. Portanto, humanizar ambientes, significa torná-los adequados ao uso dos humanos, ou seja, torná-los apropriados e apropriáveis (VASCONCELOS, 2004).

Em outras palavras, a apropriação está ligada à vivência do local e à identificação com ele, através da realização de ações, atribuição de significados e pelo modo como o ambiente responde aos anseios dos usuários e reflete sua identidade (CAVALCANTI, AZEVEDO e BINS ELY, 2009-a).

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o presente estudo percebe-se como a interdisciplinaridade entre Design de Interiores e Psicologia tem muito a desenvolver-se. Objetivando a melhoria da qualidade de vida do usuário, a Psicologia Ambiental, área de convergência entre as outras duas, apresenta-se como um forte nicho de estudo. Acredita-se que com ela será possível desenvolver projetos centrados nos usuários, resultando em ambientes cada vez mais qualificados e humanizados.

Assim sendo, este tipo de pesquisa ajuda a divulgar para a população e para outros pesquisadores a importância destas áreas e o efeito favorável que elas causam no comportamento humano. Espera-se que a pesquisa e seus resultados possam contribuir com estudantes e profissionais que precisem de mais informações sobre o tema.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria de Fatima de Oliveira; MARTINS, Maria Cezira Fantini Nogueira; BÓGUS, Cláudia Maria. Casa Siloé: a história de uma ONG para crianças portadoras de HIV/aids. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, Rio de Janeiro, v.14, n.4, p.1291-1311, out.-dez., 2007.

BECK, Carmem Lúcia Colomé; LISBOA FILHO, Flavi Ferreira; LISBOA, Maria da Graça Portela; LISBOA, Rosa Ladi. A Linguagem Sígnica das Cores na Resignificação (Humanização) de Ambientes Hospitalares. **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Santos, ago./set. 2007.

CAVALCANTI, Patrícia Biasi; AZEVEDO, Giselle Arteiro Nielsen; BINS ELY, Vera Helena Moro. A humanização dos ambientes de saúde: atributos ambientais que favorecem a apropriação pelos pacientes. **IV Projetar**, Projeto como investigação: Ensino, Pesquisa e Prática. FAU-UPM, São Paulo. 2009-a.

CAVALCANTI, Patrícia Biasi; AZEVEDO, Giselle Arteiro Nielsen; BINS ELY, Vera Helena Moro. Indicadores de qualidade ambiental para hospitais-dia. **Ambiente Construído**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 73-86, abr./jun. 2009-b.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/humanizar>. Acesso em 10 ago. 2015.

ELALI, Gleice Azambuja. Psicologia e Arquitetura: em busca do *locus* interdisciplinar. **Estudos de Psicologia**, p. 349-362. 1997.

GUBERT, Marjorie Lemos. **Design de Interiores**: a padronagem como elemento compositivo no ambiente contemporâneo. 2011. 161 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

GURGEL, Miriam. **Projetando espaços**: design de interiores. São Paulo: Senac, 2007.

GURGEL, Miriam. **Projetando espaços**: guia de arquitetura de interiores para áreas residenciais. 2. ed. São Paulo: Senac, 2002. 301 p.

HOREVICZ, Elisabete Cardoso Simão; CUNTO, Ivanoé de. A humanização em interiores de ambientes hospitalares. **Revista Terra e Cultura**, n. 45, ano 23, p. 17-23, ago./dez. 2007.

LUFT, Maria Gabriela Cherem. **Um estudo de cores em Josef Albers para um ambiente infantil**. 2011. Trabalho de Conclusão (Pós-Graduação Lato Sensu em Artes Visuais, Cultura e Criação) – Faculdade de Tecnologia SENAC. 2011.

MARQUES, Isaac Rosa; SOUZA, Agnaldo Rodrigues de. Tecnologia e humanização em ambientes intensivos. **Revista Brasileira de Enfermagem** – REBEn, Brasília, p. 141-144, jan./fev. 2010.

MOSER, Gabriel. Psicologia Ambiental. **Estudos de Psicologia**. p. 121-130. 1998.

NASCIMENTO, Cristhian Augusto Furquim do. Iluminação artificial e seu impacto no ser humano: uma ferramenta indispensável aos arquitetos e projetistas de interiores. **Revista Especialize On-line IPOG**, Goiânia. 8. ed. v. 01, n. 009, dez. 2014.

SOETHE, Andreza; LEITE, Leandro S. Arquitetura e a saúde do usuário. **IV Simpósio Brasileiro de Qualidade do Projeto no Ambiente Construído** – Tecnologia e Sustentabilidade Gerando Qualidade no Ambiente Construído. Universidade Federal de Viçosa. 2015.

VASCONCELOS, Renata Thaís Bomm. **Humanização de ambientes hospitalares**: características arquitetônicas responsáveis pela integração interior/exterior. 2004. 177 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-85107-75-8



9 788585 107758